

Originalmente para: *Interpólos*. Folha Informativa da Universidade dos Açores, n.º 2 (2007), pp. 62-65.

# Literatura e leitura: Pragmática de uma (in)comunicação

Maria Madalena Marcos Carlos Teixeira da Silva\*

## RESUMO

O défice de cultura literária na sociedade actual tem sido objecto de frequentes reflexões que se têm centrado, sobretudo, em factores externos ao próprio funcionamento do sistema literário. Todavia, definindo-se a literatura como sistema de comunicação, impõe-se também reflectir sobre os princípios que condicionam uma relação muitas vezes deficiente entre as obras legitimadas pelo sistema literário e o público leitor.

O debate em torno da 'crise da leitura' abrange dois planos distintos, embora complementares. Na sua base, e num tempo em que o número de potenciais leitores é necessariamente superior a qualquer outro momento do passado, o problema situa-se no nível da leitura funcional, ou seja, da capacidade para descodificar eficazmente o sentido dos múltiplos textos escritos. Num segundo plano, o défice de leitura projecta-se sobre a própria existência da literatura, indissociável da presença e cooperação do leitor.

A responsabilidade pela busca de soluções tem recaído maioritariamente sobre o sistema educativo, envolvendo a generalidade dos seus representantes, particularmente o sistema escolar. Todavia, o problema tem contornos mais alargados que decorrem da própria evolução da sociedade moderna: a dispersão de interesses e valores, a fragmentação que caracteriza a sociedade da informação, a premência da utilidade imediata... A erosão generalizada do interesse pelos estudos humanísticos é, aliás, um sintoma claro deste estado de coisas.

---

\*Departamento de Línguas e Literaturas Modernas/ Universidade dos Açores

Mas nem aí se esgotam os contornos do problema. Um lado menos explorado da reflexão prende-se com o funcionamento do próprio texto literário ou com a definição do sistema literário. Ou, colocando a questão de outra forma, o sistema literário, directamente implicado na relação entre a formação de leitores e o consumo dos textos que o definem, parece permanecer estranhamente indiferente às conclusões mais ou menos óbvias da escassa média de leitores de obras literárias.

Efectivamente, é na periferia do sistema literário que se situa uma assinalável percentagem das obras mais procuradas, porventura lidas por um público menos formado, que inclui os leitores mais jovens. Esta constatação sugere duas leituras possíveis: a primeira é a de que, algures no processo de formação de leitores, há uma falha que impede a progressão de interesses e gostos coincidentes com as propostas criativas que constituem o centro do sistema literário; a segunda é a de que entre essas mesmas propostas e os interesses dos leitores existe um hiato, justificado pelas profundas mudanças sociais, que a maioria dos teóricos, críticos e criadores literários continua a ignorar em nome de uma cultura essencialmente elitista.

De qualquer forma, o aprofundamento das duas leituras possíveis conduz a uma conclusão comum. A falha no processo de formação de leitores poderá, efectivamente, ser da responsabilidade do sistema educativo, mas o facto é que ela se deve também, em larga escala, à escassez de textos atractivos e adequados às diferentes fases da formação. Os textos literários sugeridos pelo sistema estão longe de poder operar o 'milagre' de captar leitores e formar o gosto pela leitura: estão desajustados do contexto real dos jovens estudantes, ressentindo-se de uma generalizada incompreensão e desatenção em relação aos interesses dos leitores. Ora são demasiado complexos ora padecem de 'anacronismo', impondo a estes leitores aquilo que os adultos já não lêem. Muitas vezes ainda minimizam e idealizam os destinatários, ignorando o simples facto de se dirigirem a um público que é mais selectivo, na medida em que só lê aquilo de que gosta, e mais independente, porque ignora a opinião crítica do sistema literário.

Por outro lado, na formação do hiato acima mencionado, cabe grande responsabilidade ao paradoxo que orienta a definição das fronteiras do sistema literário: o desejo de captar leitores coexiste com a concepção essencialmente elitista que classifica, sem mais delongas, sob o rótulo de 'comercial', as obras que agradam a um grande número de leitores. O que muitos lêem é, por definição, 'comercial'; por oposição, o que faz parte do 'núcleo duro' da literatura é normalmente lido por minorias culturais e intelectuais. Dito de outra forma, a consideração efectiva dos interesses dos leitores no processo de criação literária é tida como factor de desvalorização da obra. Uma vez sob esse rótulo, todo o possível mérito da obra é ignorado, porque, aparentemente, a qualidade do texto exclui a quantidade dos leitores.

Os limites do sistema literário são confusos e difusos e a sua definição ultrapassa frequentemente o âmbito da valorização artística. Assim, o conceito de paraliteratura tem sido associada à expressão de minorias, o que, de forma menos feliz, acarreta a noção de preconceito e entra amiúde em conflito com a consciência de que essas obras envolvem maiorias significativas de leitores. Outros dois paradoxos afectam esta definição: o primeiro é o da exclusão do critério de qualidade, por falta de definição objectiva dos seus parâmetros, quando, na realidade, é a valorização qualitativa que está, em princípio,

subjacente à crítica literária; o outro reporta-se à exclusão de certos subgéneros, como o romance policial, os romances em série ou em ciclo, a chamada literatura de género (ficção científica, realismo fantástico, etc.), quando muitas obras facilmente enquadráveis nesses paradigmas passam a ser consideradas como parte do sistema literário canónico, se assinadas por autores que já o integrem

A desatenção da literatura aos interesses dos leitores dita um afastamento inultrapassável e pouco justificado, dado o papel essencial da recepção na comunicação literária. Se é certo que a literatura deve constituir uma espécie de antídoto contra a desvalorização da palavra, enquanto instrumento do pensamento crítico e inovador, na sociedade de informação, ela não pode, de igual forma, ignorar que é essa sociedade que condiciona a circunstância do homem actual. E, na verdade, o respeito pelos interesses dos leitores não implica necessariamente abdicar das exigências de qualidade ou de originalidade criadora.

É curioso notar que o considerável renascimento do gosto pelas narrativas épicas retoma o desejo de recuperação da *memória* como ponto de partida para a construção de uma identidade colectiva. Assim se cria um paradigma paralelo ao do romance moderno, cujo ponto de partida é exactamente o da consciência do esboroamento da memória. Enquanto aquelas narrativas falam de sentido, de vida, de uma intimidade que se desenha em confronto com a exterioridade, o romance tece-se em torno da desenganada busca de sentido, da morte como provedora desse sentido e do esmiuçar da interioridade pela qual se desfaz a própria noção da intimidade.

Outro ponto de discórdia entre a literatura institucionalizada e as formas da chamada literatura periférica é a dilatação da dimensão narrativa, que tem caracterizado esta última, em grande parte por influência dos meios audiovisuais. Associada à criação de mundos alternativos, a palavra assume renovadas funções criadoras, procurando assimilar a capacidade sugestiva da imagem virtual. Mas a dilatação do universo ficcional implica a repetição, muitas vezes acentuada pela necessidade de fragmentação da narrativa. O risco assim assumido pode ou não afectar a qualidade dos textos. O que não se compreende é que a repetição seja critério *tout court* de falta de reconhecimento, por oposição à originalidade de processos que caracterizaria a 'boa literatura', quando ela é a base da memória do sistema literário, sobre a qual se constrói a inovação. Por outro lado, os processos de recorrência remetem, noutro nível, para a função tranquilizadora da literatura, há muito abafada pela expressão da inquietação de um homem em crise – o que, por si só, não é suficiente para negar essa necessidade dos leitores.

Estes são apenas alguns dos dados que ressaltam do estudo comparado dos paradigmas da literatura institucionalizada e das obras que conseguem captar um interesse significativo junto dos leitores. Eles constituem sintomas da cisão entre uma noção de literatura cuja definição assenta quase exclusivamente na instância criadora, centrando-se, ainda à maneira romântica, na expressão individual, e o efectivo funcionamento da mesma como sistema comunicativo que implica o leitor enquanto parte essencial da construção do sentido. A reconciliação entre os dois elementos essenciais a essa comunicação – escritor e leitor – deve ser condição necessária para a reabilitação da leitura literária como parte fundamental da formação humana.